

## **ESTAS DUAS REGRAS: CONSTRUÇÃO DA REFERÊNCIA EM CARTAS**

ANA LUÍSA COSTA  
(Centro de Linguística da Universidade de Lisboa – CLUL)<sup>1</sup>

*ABSTRACT: The analysis of epistolary discourse produced by less skilled writers provides textual data to distinguish private writing from public writing. Further, it contributes to the discussion on the divide between the private and the public sphere in the Early Modern Ages (the corpus that was searched includes familiar letters written between 1601 and 1833). The contrast between the linguistic choices in formulaic parts and in free compositional sequences brings some light into a strong genre awareness, dominating even in the most spontaneous piece of writing. Self-textual references and references to other letters appear as specific cohesion strategies in private letters.*

### **1. Introdução**

A constituição de um corpus de escrita do quotidiano, com cartas que circularam entre o século XVII e as primeiras décadas do século XIX, requer critérios explícitos de seleção de textos, que permitam lidar com diferentes matizes de discursos mais ou menos privados, mais ou menos informais, mais ou menos íntimos. A convicção de que a distinção entre cartas privadas e cartas do domínio público é intuitiva vê-se comprometida face à distância existente entre qualquer leitura formatada pela literacia contemporânea e fatores como a fluidez das noções de «público» e de «privado» na Idade Moderna, as diferentes relações sociais entre participantes ou as clivagens quanto ao que se espera de comportamentos linguísticos nas interações sociais. Torna-se, assim, imperativo estabelecer critérios explícitos, fundamentados no conhecimento do discurso epistolar, que ajudem a estabelecer fronteiras, ainda que flexíveis, entre a escrita pública e a privada.

---

<sup>1</sup> Bolseira de investigação (pós-doutoramento) no projeto P.S. - *Post Scriptum*, Arquivo Digital de Escrita Quotidiana em Portugal e Espanha na Época Moderna (European Research Council, 7FP/ERC Advanced Grant - GA 295562).

Recorrendo a alguns instrumentos da análise do discurso, este artigo apresenta resultados de trabalho desenvolvido no âmbito do projeto P.S. - Post Scriptum<sup>2</sup> e inscreve-se num propósito mais lato, o de contribuir para a reflexão sobre «público, privado e íntimo», transversal a diversas áreas de investigação, como a História, a Sociologia, os Estudos Culturais, a Sociolinguística ou a Pragmática Histórica. Sendo um estudo de caráter exploratório, toma-se como ponto de partida um subconjunto restrito de cartas familiares para detetar alguns dos parâmetros pragmáticos e discursivos que enquadram, de forma mais saliente, a sua produção e receção. Em concreto, a consciência de género textual, bem como as manifestações de domínio do género epistolar entre participantes de origens sociais distintas, com diversos graus de proficiência de escrita, constituem o foco de uma análise que tem como finalidade a identificação de propriedades textuais e linguísticas caracterizadoras da escrita privada na Época Moderna.

A seleção de um subconjunto de cartas familiares, que não inclui outros tipos de cartas particulares, como cartas de amizade ou de amor, fundamenta-se numa observação proveniente da História: o aspeto que melhor caracteriza o domínio privado na Idade Moderna parece ser a dependência da esfera doméstica e das relações familiares, as quais assumiam uma amplitude maior da que têm na atualidade (Cardim, 2013; Lisboa & Miranda, 2011; Sá, 2011). No tratamento dos textos, privilegiou-se uma abordagem multifatorial de conteúdos, de carácter mais descritivo do que quantitativo, o que foi possível pela circunscrição da análise a 30 cartas pertencentes ao corpus PS-CARDS<sup>3</sup> e escritas entre 1601 e 1833 (cf. anexo 1). De forma a garantir uma distribuição equilibrada de um ponto de vista cronológico e socioprofissional, esta seleção integra 10 cartas de cada um dos três séculos de referência, trocadas entre 53 participantes (27 autores e 26 destinatários). No conjunto dos participantes, procurou-se também a presença da escrita da autoria de mulheres (12 autoras) e destinada a mulheres (11 destinatárias), embora a representatividade de género no intercâmbio de correspondência não seja, na realidade, equilibrada<sup>4</sup> (por exemplo, o corpus PS-CARDS inclui cerca de 17% de mulheres entre os seus participantes, o que indicia uma menor participação das mulheres nas interações sociais escritas). Finalmente, com a intenção de constituir um subcorpus de cartas do quotidiano, escritas por «gente vulgar» (Marquilhas, 2009), entre as atividades conhecidas dos participantes incluem-se, para os homens, alfaiate, artilheiro, barbeiro, carcereiro, contratador, estudante, frade, homem do mar, lavrador, major, padre, soldado e, para as mulheres, interna em colégio, freira, vendedeira, vendedeira de

---

<sup>2</sup> Projeto P.S. - *Post Scriptum*, Arquivo Digital de Escrita Quotidiana em Portugal e Espanha na Época Moderna, online em <http://ps.clul.ul.pt/index.php>.

<sup>3</sup> Edição digital disponível online em <http://ps.clul.ul.pt/index.php>.

<sup>4</sup> A propósito das diferenças de género no acesso à educação e taxas de iliteracia no século XIX, leia-se Lisboa & Miranda (2011).

peixe. Algumas mulheres são identificadas como «mulher de...» ou «filha de...». Exceto duas, a CARDS2003 e a CARDS1016, todas as cartas analisadas são autógrafas.

Os critérios adotados para a seleção dos textos aproximam-se de abordagens em sociolinguística histórica que assumem como objeto de investigação «language histories from below» (Elspaß, 2012) e que pretendem explicar histórias da língua de falantes pertencentes a classes sociais com menos acesso à cultura escrita. Como alguns autores têm defendido, a análise de correspondência particular, produzida por mãos inábeis, com menor domínio dos registos normativizados, permite aceder a dados linguísticos mais próximos da oralidade, relevantes, por exemplo, para estudos em variação linguística (Elspaß, 2012; Marquilhas, 2000; 2012; e.o.). Naturalmente, por se tratar de dados mantidos pelo suporte escrito, resistiram à passagem do tempo e funcionam como janelas de acesso a enunciados de registos linguísticos não literários e com vários graus de formalidade. Os dados linguísticos a extrair destas fontes podem cobrir diferentes áreas da gramática, disponibilizando informações interessantes para a fonologia, por exemplo, na caracterização dos sistemas consonântico e vocálico ou dos processos fonológicos produtivos em determinadas variedades; para a morfologia, por exemplo, na explicação da evolução de paradigmas de flexão verbal; para a sintaxe, por exemplo, na análise da variação de configurações e processos sintáticos.

Contudo, importa ter presente que, se a informação linguística relevante para estas áreas da gramática se extrai do nível microestrutural do texto das cartas, a informação ao nível da macroestrutura textual garante o acesso a dados sobre competência textual e sobre literacias de escrita, especialmente através das manifestações de consciência de género textual, evidenciadas na composição do texto epistolar. São dados desta natureza, relativos a consciência metatextual, que constituem o foco do presente estudo, funcionando como pistas para a caracterização da escrita privada na Idade Moderna.

Assim, porque a análise não se centra em unidades e processos linguísticos que agem nas estruturas microtextuais, convocaram-se instrumentos de análise de enunciados linguísticos entendidos enquanto discurso e conformados pelo género epistolar, com toda a complexidade que o processo de composição de textos acarreta. Deste modo, no ponto 2.2., procede-se a uma descrição das sequências constituintes da estrutura da carta<sup>5</sup>, o que facultava algumas pistas quanto à conceção de macroestrutura associada à carta; em 2.3., analisam-se as fórmulas e outros elementos discursivos mais recorrentes nas distintas sequências da carta, bem como os tópicos discursivos mais frequentes; no último ponto da secção 2, apresenta-se uma análise de estratégias de coesão referencial prototípicas destas cartas.

---

<sup>5</sup> Adam (1992; 1998) usa os termos «séquences phatiques d'ouvertures et de clôture» e «séquences transactionnelles» para designar as partes do plano de texto da carta.

Como se referiu anteriormente, para a identificação de elementos linguísticos e textuais caracterizadores da escrita epistolar da esfera privada, importa ter presente que «in the early-modern period the divide between ‘public’ and ‘private’ was very different from the understanding of such a distinction nowadays» (Cardim, 2013, p. 13). Tendo em mente que o espaço de produção de escrita privada não coincide com o «privado» da atualidade, o estudo de modelos de escrita privada, especialmente de cartas, modelo que permanece ao longo dos séculos, assume particular relevância na caracterização destas fronteiras.

## 2. Para uma análise de cartas familiares

A consideração do subgénero «cartas familiares», entre as cartas consideradas privadas, prende-se com critérios que se reportam aos parâmetros de enunciação: a ligação que existe entre participantes envolve algum grau de parentesco, que determina a relação hierárquica entre autor e destinatário. Estas relações devem ser perspetivadas à luz do que se sabe sobre as estruturas sociais de cada época. Na sua proposta de classificação de géneros do discurso epistolar, Adam (1998, pp. 46-47) inclui a correspondência familiar no género «correspondência íntima», que se define pela natureza das relações entre participantes: «Les relations entre les partenaires de l’échange vont de la relation amoureuse aux degrés variés des relations familiales (famille restreinte et élargie), en passant également par tous les degrés de l’amitié. Ces relations entre correspondants autorisent un ton peu formel (variant certes en fonction des époques, des classes d’âge et des classes sociales)».

A associação das cartas familiares à esfera do íntimo, ainda que possa enquadrar adequadamente muitos modelos de cartas, como as escritas no século XIX e nos séculos seguintes, deve ser modalizada quando aplicada à escrita epistolar da Idade Moderna. Por um lado, vários historiadores salientam a contaminação entre o que hoje percebemos como íntimo e individual e os assuntos de estado, do domínio público; a par disto, o conceito de família, de esfera doméstica, apresenta contornos bem menos íntimos e mais amplos, incluindo os negócios de sustento da família, que condicionam relações entre parentes, e a pertença ao espaço doméstico de serviços, de criados com quem se estabelecem relações mais pessoais do que profissionais (Cardim, 2013). Também a didática epistolográfica de Rodrigues Lobo, em *Corte na Aldeia*, dá conta justamente da proximidade entre assuntos familiares e os negócios que preenchem o quotidiano. Na definição das matérias que distinguem os três géneros de «cartas missivas», pode ler-se: «O primeiro é das cartas de negócios e das cousas que tocam à vida, fazenda e estado de cada um, que é o que para as cartas primeiro foram inventadas, que, por tratarem de cousas familiares, se chamaram assim.» (Lobo, 1619, 90).

Clarificado o âmbito das cartas trocadas entre familiares entre os séculos XVII e XIX, destacam-se seguidamente aspetos da estruturação textual e linguística presentes nestes textos epistolares. No ponto seguinte, analisam-se os elementos que autores e destinatários consideravam determinantes para o reconhecimento da macroestrutura epistolar, sendo que a constância de um modelo textual evidencia uma determinada literacia de escrita, não coincidente com a erudita, mais aprendida e herdada por tradição do que pelos tratados de epistolografia da época<sup>6</sup>.

### 2.1. Sequências constituintes da estrutura da carta

Os preceitos relativos a partes constituintes de uma carta parecem ser matéria polémica se atendermos, por exemplo, ao posicionamento de Leonardo, em *Corte na Aldeia*, face à tradição medieval da *ars dictaminis*. Explicando a Solino o que é «enfeite ou afeição», demarca-se dos retóricos que dividem em cinco partes uma «carta missiva»: «a carta e a mulher muito enfeitadas, em certo modo eram desonestas; e eu antes seguira este voto que o de alguns retóricos que deram à carta missiva cinco partes de oração, convém a saber: saudação, exórdio, narração, petição e conclusão; e se houvésemos de seguir o seu estilo, mudaríamos de todo o das cartas.» (idem, 91). Porém, a conceção epistolar da *ars dictaminis* formatou o discurso epistolar até aos nossos dias. Num artigo em que se sintetiza a reflexão teórica em torno do discurso epistolar, Adam (1998, pp. 41-42), que defende que, de um ponto de vista pragmático e textual, a carta é uma macrounidade dialogal, integrando sequências fáticas e transacionais, reconhece as cinco partes do plano de texto epistolar: «On distinguera donc, très simplement, dans toute forme épistolaire, le plan de text de base suivant: ouverture, exorde, corps de la lettre, péroraison, clôture.»

A análise automática de partes de cartas escritas na Idade Moderna, tendo por base o corpus CARDS (Marquilhas, 2012), confirma o peso da tradição de uma estrutura em cinco partes e consolida a relevância de se recorrer a este modelo para o tratamento do texto epistolar. Assim, na anotação das partes do texto das cartas do corpus PS-CARDS, distinguem-se quatro partes formulares (abertura, arenga, peroração e fecho) e duas partes de composição livre, sendo uma opcional, o *post scriptum*, e outra nuclear, designada narração em conformidade com a tradição epistolográfica. A carta familiar que se transcreve em seguida, a CARDS2031, exemplifica uma carta cujo plano integra os elementos antes mencionados. Em (1) e (2), transcrevem-se a abertura e a arenga, respetivamente.

(1) Mana do CoraCão

(2) estimarei q(ue) es/tas duas Regas haxem a v(osa) m(er)ce Com Prefei/ta saude em ComPanhia do meu Co/nhado dos manos e de todos de caza

---

<sup>6</sup> Sobre ensino e, em particular, a aprendizagem da escrita, leia-se Sá (2011).

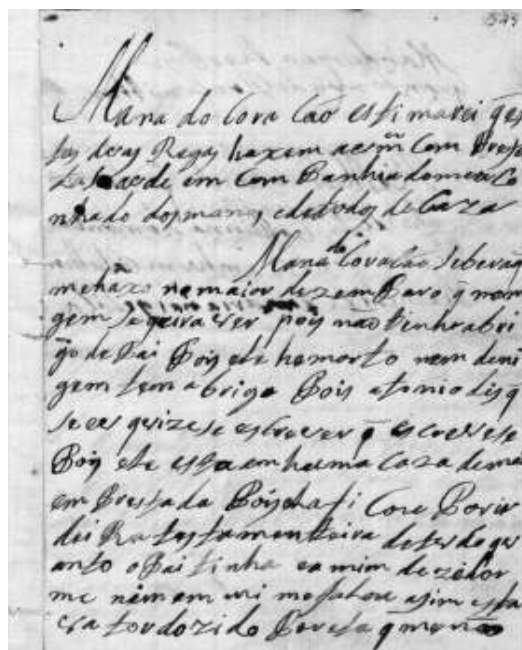


Figura 1: abertura, arenga e início da narração

Em (3), transcreve-se a parte de composição livre, ou narração, da mesma carta. A peroração e o fecho podem ser lidos em (4) e (5).

- (3) Mana do Coração sebera q(ue) / me haxo no maior dezemParo q(ue) nem/gem se quira ver pois não tinha abri/go de Pai Pois ele he morto nem de ni/gem tem abrigo Pois atonio dis q(ue) / se ce quizese escrever q(ue) escrevese / Pois ele esta em huma caza de mai / emPrestada Pois ela fíCou Por ir/deiRa testamenteira de tudo qu/anto o Pai tinha e a mim [dezidar/me] nim em mi me falou assim esta/va tordozido Por ela q(ue) me não / me não Podia ver assim me haxo em / huma caza nem estou Por soldada / nem deixo de estar tratame como / filha da caza mas temese dos ou/tos Porq(ue) estou m(ui)to desPrezilve / não me deo mais nada do que a saia de xi/ta andome servindo com o fato da / dona da caza e assim esPero a Respos[ta] / desta e assim v(osa) m(er)ce como esta em lo/ga / de mem assim veja v(osa) m(er)ce se manda / ir Para esa tera e assim esPero Pela / a RerPosta Pois a antonio des ~~ta~~ q(ue) / o pai sedeo a sePoltura numca mais / me Porcurou
- (4) de saudades a todos q(ue) / Por mim Porguntar com isto não / emfado mais a v(osa) m(er)ce
- (5) desta sua mana / Mariana Thereza

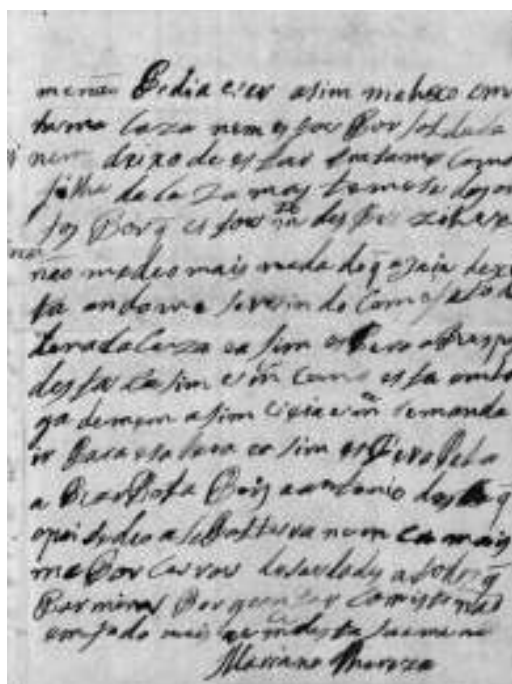


Figura 2: narração, peroração e fecho

O P.S., transcrito em (6), aparece materialmente destacado.

(6) Mande me a Rerposta / quanto mais dePresa melhor ReMete a Carta p(ar)a o teireiri/nho de S(an)ta Cathirina de monte / sinal dentro em hum cintalhinho / Remetida a mariana geliCa

Embora seja possível noutras coleções encontrar cartas constituídas exclusivamente por partes formulares, cumprindo funções fáticas, a totalidade das cartas familiares analisadas contém a parte de composição livre correspondente à narração. E a quase totalidade das cartas apresenta abertura e fecho, havendo apenas uma sem abertura (CARDS1056), e outra a que falta o fecho (CARDS3044). Além de abertura e fecho serem os segundos elementos mais frequentes no plano de texto, verifica-se que são as sequências que incluem elementos formulares mais cristalizados e repetidos, observação coincidente com os resultados da análise automática publicados em Marquilhas (2012), segundo os quais as fórmulas com maior frequência de ocorrência estão presentes no fecho (434) e na abertura (351). Também em consonância com os dados de Marquilhas (idem), encontram-se mais perorações (21 / 70%) do que arengas (19 / 63,3%). Apesar de menos usadas pelos autores, é nas arengas que, em relação às perorações, existe uma maior estabilidade nas fórmulas adotadas.

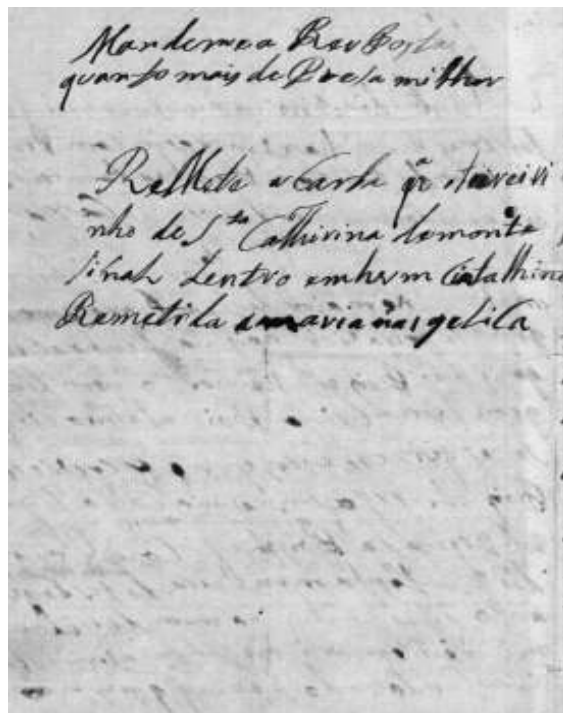


Figura 3: *post scriptum*

Em suma, da consideração dos tipos de sequências mais frequentes, conclui-se que mais de metade das cartas, em concreto 18 (60%), se estrutura com pelo menos quatro partes formulares e uma narração, às quais acresce, em alguns casos, um *post scriptum*. Desta forma, confirma-se o peso da tradição da estrutura pentaédrica em cartas familiares da Época Moderna. No ponto seguinte, apresenta-se uma descrição dos elementos formulares mais recorrentes em cada uma das sequências constituintes destas cartas familiares.

## 2.2. Fórmulas e outros elementos discursivos

Entre as 29 aberturas analisadas, a maioria (23 / 76,6%) consiste num vocativo com a designação do parentesco do destinatário. Nestas sequências de abertura, preferem-se fórmulas simples, como (7), parecendo haver alguma eco de atitudes como a protagonizada por Leonardo, em Corte na Aldeia, que advoga que se evitem epítetos para ornamento e enfeite, como o exemplo em (8).



(7) meu pai (CARDS4017)

(8) J(ezus) M(aria) J(oze) S(an)ta A(nna) e S(ão) J(oaquim) Meu Pay e S(e)n(ho)r m(ui)to do meu Corasão (CARDS1031)

Nas aberturas, destacam-se algumas fórmulas que enunciam atos expressivos de espontaneidade afetiva, de uso frequente nas cartas familiares, como «irmã d'alma», dirigida à irmã ou à mulher, ou «do coração», como modificador de qualquer nome comum de parentesco ou de nome próprio. Apesar da sugestão de espontaneidade própria dos atos expressivos, a frequência de uso destas expressões pode significar que constituem, antes de mais, convenções disponíveis para cumprir os preceitos do género textual.

As arengas são, como antes foi mencionado, fórmulas com elevado grau de previsibilidade: 18 (94,7%) das 19 arengas encontradas referem o tópico «saúde» (do destinatário e do autor) e muitas (11 / 57,8%) incluem «votos e recomendações a outras pessoas da casa», sendo disto exemplo a arenga transcrita em (9).

(9) Eestimarei que hestas duas reguas ho aChe Com saude Como pera mi de-  
sejo he Companhi de meus hirmaus he da mais gente de Casa heu fiquo  
Com saude garCas sejam dadas a deos (CARDS4017)

Nas perorações, encontram-se igualmente fórmulas recorrentes, mas com um menor grau de estabilidade em comparação com as arengas. Entre as 21 perorações analisadas, em 16 sequências (76,1%), recorre-se à enunciação do desejo de «não querer incomodar mais», como se ilustra em (10), tópico que contribui para a construção de uma atitude de humildade, aliás recomendada a qualquer autor em manuais de epistolografia.

(10) he com isto não enfado Mais a V(ossa) m(erce) (CARDS2006)

Várias perorações parecem funcionar como o espaço para a construção de uma identidade textual do autor, que de si deixa uma imagem positiva, como se ilustra com o autor humilde e despojado de tudo, bom pai e bom marido, em (11).

(11) Com isto não vos quero mais emfadar porque eu ja despi a pela ja não sou  
quem dantes era mas semper o brio a de andar Comigo emq(uan)to for vi-  
vo Com isto o se(nh)or vos g(uar)De Como este voso marido vos dezeja  
ate morte p(ar)a emparo de meus filho (CARDS1005)

Sendo a carta um género escrito próximo das interações conversacionais básicas, poder-se-á considerar que há, nas perorações, um esforço semelhante ao que existe nas interações presenciais, quando se procura a preservação da face através da implementação de estratégias de polidez<sup>7</sup>. Estas estratégias encontram o seu espaço preferencial antes de estar concluída a comunicação, como um desfecho em que importa manter uma imagem positiva do

<sup>7</sup> A este propósito, leia-se Brown & Levinson (1987) e Marcotulio (2008).

autor, controlando os efeitos das notícias dadas ou dos pedidos formulados na narração.

À semelhança das perorações, nos fechos encontra-se espaço para a descrição de atributos do autor que contribuem para a construção de uma imagem favorável e conforme com papel esperado na hierarquia da família. Por exemplo, ao longo dos três séculos, os filhos parecem manter-se «obedientes», como se pode ler em (12), (13) e (14).

(12) **obbdientes** f(ilh)as de V(osa) M(erce) (CARDS4007, 1631)

(13) De v(osa) m(erc)e Filha m(ui)to am(an)te e **obdiente** (CARDS1032, [1765])

(14) e sou de V(ossa) m(er)ce filho m(ui)to **obediente** (CARDS0169, 1831)

Como derradeira sequência formular, o fecho está associado a um elevado grau de estabilidade na sua constituição. Entre as 29 sequências de fecho analisadas, 28 (93,3%) contêm a designação do parentesco do autor, seguida da assinatura (apenas um fecho não apresenta assinatura). Além destes dois elementos, estas sequências incluem ainda modificadores adjetivais (adjetivos ou orações relativas) dos nomes de parentesco referentes ao autor. Por outras palavras, ao contrário do que se verificou com a contenção no recurso a enfeites para a caracterização do destinatário, os modificadores usados para a autocaracterização do autor são relativamente frequentes, configurando a estrutura de 17 fechos (58,6%).

Em contraste com a estabilidade da estrutura das sequências formulars, a narração distingue-se por integrar unidades textuais que instanciam atos de fala diversificados, constituindo a parte de composição livre em que são tratados diferentes assuntos. A identificação da função pragmática da carta e do ato de fala ou dos atos de fala nela dominantes tem sido uma abordagem seguida por autores como Adam (1998) ou Bergs (2007) para a fundamentação de taxonomias de cartas. Tendo por referência estas abordagens para a análise dos conteúdos das narrações, começou-se por anotar o tipo enunciativo dominante em cada carta. Para esta categorização, recorreu-se à classificação de tipos enunciativos usada no Projeto PS-CARDS<sup>8</sup>, a qual congrega parâmetros como ato de fala dominante, intenção do autor, relação entre participantes e conceção do leitor-alvo. Desta forma, concluiu-se que 18 cartas familiares (o equivalente a 60%) correspondem ao tipo «notícias» e 9 (30%) ao tipo «pedido».

A designação «notícias» enquanto termo que descreve a função pragmática de uma carta carece de clarificação, uma vez que, num certo sentido, todas as cartas envolvem a transmissão de «notícias», da mesma forma que todos os textos são «informativos». O termo usado refere-se especificamente a cartas em que são predominantes atos assertivos e em que se reconhece como prioritária a intenção de dar a conhecer informação que se

<sup>8</sup> Cf. *Manual PS* online em <http://ps.clul.ul.pt/index.php?page=downloads>.

pressupõe não partilhada pelo destinatário e do seu interesse. Do ponto de vista da estruturação textual, encontram-se principalmente sequências narrativas e descritivas.

No entanto, esta análise da narração das cartas familiares circunscrita a uma função pragmática dominante não dá conta da complexa rede de tópicos e funções recorrentes nestas formas de escrita epistolar. Aliás, a insuficiência da atribuição de apenas uma função pragmática a uma carta tem sido criticada por autores como Elspaß (2012, pp. 50-51): «Contrary to the belief of some linguists that certain text types can be attributed to one particular function only, we cannot assign one such basic function to the text type ‘private letter’». Stephan Elspaß defende a identificação de pelo menos duas funções textuais básicas por carta, em concreto «manter contacto» e «informação», ou ainda, adicionalmente, «apelo / pedido», sendo o reconhecimento de mais do que uma função um requisito mínimo para se fundamentar qualquer distinção entre as cartas particulares e outros tipos de escritos privados não epistolares.

De forma a testar a produtividade desta proposta, procedeu-se a uma segunda análise da estrutura informacional das sequências de composição livre das cartas, classificando-as segundo as funções «manter contacto», «informação» e «apelo / pedido». Relativamente às categorias usadas, importa clarificar que «manter contacto» inclui aspetos como solicitação de notícias, expressão de pena por ausência de notícias e recomendações a outros familiares ou a terceiros. A categoria «informação» corresponde ao que antes se descreveu como «notícias»: atos de fala assertivos e sequências textuais predominantemente narrativas e descritivas, com a intenção de relatar notícias desconhecidas do destinatário. Finalmente, «apelos e pedidos» consistem em enunciados diretivos mais ou menos diretos, com diferentes forças ilocutórias, através dos quais o autor formula apelos, pedidos ou instruções. Aplicada esta proposta ao subconjunto de cartas familiares, confirmou-se a utilidade das três categorias para a caracterização de cartas familiares: a maioria das cartas (20 / 66,6%) inclui pelo menos duas destas três funções e as restantes cartas (9 / 30%) envolvem pelo menos uma destas funções, havendo outras funções associadas.

Ainda relativamente aos elementos pragmáticos e discursivos caracterizadores das partes de composição livre das cartas, salienta-se que, apesar do menor formalismo estrutural, tanto a narração como o *post scriptum* integram com alguma frequência sequências bastante formulares, como a que se transcreve em (15).

- (15) por se oferer se esta oChazião não quis deixar de fazer estas duas regras p(ar)a q(ue) saibais que eu indo sou vivo (CARDS1005)

Naturalmente, esta contaminação de fórmulas nas partes de composição livre não bloqueia a introdução de tópicos originais e improváveis, que não se encontram nas partes mais formulares. O *post scriptum* é o espaço da carta com maior grau de inovação quanto a conteúdos tratados: entre os

13 P.S. encontrados, há 7 com mais saudações e recomendações a familiares e conhecidos, 5 com informações adicionais diversificadas e 3 com instruções sobre o processo de circulação da correspondência. Por outras palavras, o P.S. constitui um espaço adicional para a expressão de mais saudações (atos expressivos) e para a veiculação outras informações (atos assertivos), que ganham destaque textual no espaço da folha. Entre as informações veiculadas no P.S., as relativas às redes de circulação das cartas merecem particular atenção por serem um tópico de grande interesse para a história da cultura escrita.

### 2.3. Construção da referência

A análise contrastiva das unidades textuais e discursivas deste conjunto de cartas familiares torna evidente a existência de estratégias linguísticas transversais às cinco (ou seis) partes do plano do texto, as quais garantem a sua coesão. Estas estratégias, que materializam opções linguísticas dos autores ao nível dos enunciados para conformar o seu discurso a um género, deixam perceber alguns dos espaços de tomada de decisão no processo de escrita, mesmo em sequências muito formulares. Alguns dos mecanismos de coesão referencial usados pelos autores, pela sua recorrência nas diferentes sequências epistolares, parecem configurar, também eles, uma característica de género. Particularmente, a referência a cartas, seja à carta em curso, seja a outras cartas, é um elemento constante, presente em todos os textos analisados, e transversal às sequências estruturantes das cartas (exceto na abertura e no fecho, encontram-se pronomes e determinantes deícticos e anafóricos em todas as sequências).

O quadro 1 regista os totais de ocorrências de referências a cartas nos textos epistolares analisados. Pela sua elevada frequência, este tipo de referências constitui um dos principais mecanismos de coesão referencial destes textos.

<b>Tipo de referência</b>	<b>Total de ocorrências</b>
carta em curso	36
carta recebida do destinatário	30
cartas planeadas ou desejadas	20
cartas escritas por outros	11
cartas trocadas antes	5

Quadro 1: Referências a cartas

Encontram-se referências à própria carta ou a outras cartas em todas as cartas, sendo a média de ocorrências por carta de tal forma elevada que este elemento textual não pode ser ignorado: na totalidade das 30 cartas, há 102 referências a cartas. Com maior frequência, destacam-se as referências à própria carta, ou seja, à carta cuja escrita está em curso, com 36 ocorrências, seguidas de 30 ocorrências de referências à carta a que se responde. Estas

duas estratégias de referência consubstanciam a ideia de que em todas as cartas se inscreve a situação enunciativa no texto (Adam, 1998). Em (16), apresenta-se um exemplo do primeiro tipo e, em (17), exemplifica-se o caso igualmente comum de referência à carta recebida do destinatário.

- (16) Eesttimarei que **hestas duas re/guas** ho aChe Com saude Como pera mi desejo (CARDS4017, 1691)  
 (17) Eu / Ca risebi **a tua qarta** (CARDS0173, 1820)

Avaliando ainda a globalidade das referências a cartas, identificaram-se 20 referências a cartas planeadas ou desejadas, como (18), seguidas de 11 referências a outras cartas, como (19), e 5 referências a cartas trocadas anteriormente entre os participantes, como (20).

- (18) não tornei a receber carta / tua estive a ispera dela emthe ao dia / que sahi porem i mais esperava / **por algumas** (CARDS7052, 1818)  
 (19) Em que dicerão per **hũa quarta /que ai bai** (CARDS2003, 1689)  
 (20) nhũa so **Car/ta q(ue) li da bosa mão** (CARDS4005, 1654)

O papel das referências à carta em curso na especificidade da coesão referencial das cartas familiares torna-se ainda mais saliente quando se procede à análise dos tipos de cadeias de referência e da natureza, deíctica ou anafórica, dos pronomes e determinantes usados. A par da existência, na globalidade, de um elevado número de referências à carta em curso, verifica-se que estas se encontram distribuídas por elevado número de cartas. Em concreto, em 22 cartas (73,3%), a referência deíctica à carta em curso com o pronome demonstrativo «esta» é a configuração referencial mais usada. Este pronome, que ancora a sua referência fora do texto, na materialidade da escrita em curso, vai simultaneamente encabeçar uma cadeia de referência que pode ligar diferentes partes da carta. Ao contrário do que seria de esperar na construção de uma cadeia de referência, em vez de um DP pleno inicial, como «esta carta», ocorre o pronome deíctico «esta». Em algumas cartas, a referência também pode ser estabelecida por catáfora, podendo ser encontrada uma referência plena, como no exemplo (21), em expressões nominais como «esta carta», presente já no final da narração.

- (21) Aguora q(ue) vay este portador faco **esta** p(er)a por ella me avise da sua saude de como esta e quera deos q(ue) va **esta** p(er)a q(ue) me venha allgua sua p(er)a por ella saber de como esta <sup>arenga</sup> [...] e se lhe pareser q(ue) **esta carta** seja mostrada a Justica bẽ o pode fazer porq(ue) o portador dara seu testemunho [...] <sup>narração</sup> (CARDS3127)

Para explicar estas estratégias de construção de coesão referencial, pode colocar-se a hipótese de se tratar de uma evidência de competência textual incipiente, de quem escreve como se estivesse a falar, no meio de um diálogo, ou antes colocar-se a hipótese de que se trata de uma estratégia legitimada pelo carácter conversacional-dialogal deste género de escrito, tanto mais próximo da interação oral quanto menor for o grau de formalidade. O contraste entre estas estratégias em cartas de gente vulgar e a em cartas de auto-

res mais eruditos poderá fundamentar melhor a segunda hipótese, mais interessante do ponto de vista da caracterização do género.

Ainda relativamente a outras referências a cartas, reforça-se a ideia de que as estratégias de coesão referencial podem ser mais uma pista interessante para a caracterização de cartas privadas. Segundo uma análise à correspondência de Lady Katherine Paston (Tanskanen, 2007), alguns tipos de referências a outras cartas parecem funcionar independentemente da proximidade ou da frequência de contacto entre autor e destinatários, mas outros, como a acusação da receção de carta ou a menção a futuras cartas, só se encontram entre participantes que são próximos. Nas cartas familiares analisadas, há um elevado número de referências a cartas recebidas do destinatário (um total de 30 em 30 cartas), bem como a cartas anteriores do autor e a cartas planeadas (um total de 25), o que pode ser indício de um maior grau de familiaridade entre participantes.

Finalmente, sublinhe-se que estas cadeias de referência a cartas constituem garantia de coesão gramatical através de partes do textos formulares e de sequências livres, o que consolida a ideia de que existem algumas contaminações textuais entre as diferentes sequências, não havendo apenas uma relação de justaposição entre partes formulares e não formulares.

### 3. Algumas conclusões

A análise de um subconjunto de cartas familiares escritas no quotidiano de pessoas comuns ao longo de três séculos da Época Moderna constitui um estudo exploratório de características deste tipo de cartas. Esta análise pretende contribuir, fundamentalmente, para a reflexão em torno das fronteiras entre o público e o privado no âmbito das interações escritas. Numa comunicação sobre público, privado e íntimo na Idade Moderna, Pedro Cardim conclui que: «In the pre-modern world the ‘private sphere’ was frequently as regulated as the public sphere, and left no room for a spontaneous expression of individual subjectivity.» (Cardim, 2013, p. 9). De modo paralelo, a escrita de cartas familiares parece ser marcada pelo peso das regras de género textual e pela ausência de espaço para a manifestação espontânea da subjetividade individual. Este facto materializa-se na estruturação das cartas, que inclui uma elevada incidência de fórmulas ritualizadas para se instanciarem atos expressivos. Por outro lado, como observa Marquilhas (2012, 42), «In communicative interactions, however, the linguistic choices of subaltern men and women reinforced the stability of their social disadvantage.» Os participantes configuram entidades textuais que cumprem funções sociais esperadas e até as sequências de composição livre se enquadram nas regras adequadas ao cumprimento do género textual. As trocas de cartas familiares, em que se espera um maior grau de familiaridade, de informalidade e de espontaneidade, são interações comunicativas associadas a um elevado grau de regulação

através das convenções de género textual, que ajudam a reforçar a estabilidade de papéis sociais.

Com a análise de características linguísticas e textuais de cartas familiares, apresentada através de parâmetros de análise como as fórmulas e os elementos discursivos presentes nas diferentes sequências, ou as estratégias de construção da coesão referencial, obteve-se uma perspetiva exploratória do impacto da consciência do género textual nestes textos epistolares, a confirmar pelo contraste com cartas de amor ou de amizade e pelo confronto com cartas da esfera privada.

### Referências

- Adam, Jean-Michel (1992). *Textes: Types et Prototypes*. Paris: Hachette.
- Adam, Jean-Michel (1998). Les genres du discours épistolaire. De la rhétorique à l'analyse pragmatique des pratiques discursives. In Jürgen Siess. *La lettre entre réel et fiction*. Paris: SEDES, 37-53.
- Bergs, Alexander (2007). Letters: a new approach to text typology. In Terttu Nevalainen & Sanna-Kaisa Tanskanen (eds.). *Letter Writing*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 27-46.
- Brown, Penelope & Stephen Levinson (1987). *Politeness: Some Universals in Language Usage*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Cardim, Pedro (2013). The 'public', the 'private', and the 'intimate' in early-modern Southern Europe. A historical perspective. Paper given to the interdisciplinary symposium *The intimate, the private and the public: bridges and ambiguities*, ISCTE-IUL (Lisbon, 14th November 2013). [DRAFT VERSION] [http://www.cham.fcsh.unl.pt/files/file\\_000294.pdf](http://www.cham.fcsh.unl.pt/files/file_000294.pdf)
- Elspaß, Stephan (2012). Between linguistic creativity and formulaic restriction. In Marina Dossena & Gabriella Del Lungo Camiciotti (eds.). *Letter Writing in Late Modern Europe*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 45-64.
- Lisboa, João Luís & Tiago Miranda (2011). A cultura escrita nos espaços privados. In José Mattoso (dir.). *História da vida privada em Portugal*. Nuno Gonçalo Monteiro (coord.). *A Idade Moderna*. Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 334-394.
- Lobo, Francisco Rodrigues (1619). *Corte na Aldeia*. Introdução, notas e fixação de texto de José Adriano de Carvalho. Lisboa: Editorial Presença, 1991.
- Marcotulio, Leonardo Lennertz (2008). *A preservação das faces e a construção da imagem no discurso político do marquês do Lavradio: as formas de tratamento como estratégias de atenuação da polidez lingüística*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Marquilhas, Rita (2000). *A faculdade das letras: leitura e escrita em Portugal no século XVII*. Lisboa: IN-CM.
- Marquilhas, Rita (2009). Eu ainda sou vivo. Sobre a edição e análise linguística de cartas de gente vulgar. In *Estudos de Lingüística Galega*, 1, pp. 47-65.
- Marquilhas, Rita (2012). A historical digital archive of Portuguese letters. In Marina Dossena & Gabriella Del Lungo Camiciotti (eds.). *Letter Writing in Late Modern Europe*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 31-43.

Miranda, Tiago Reis (2000). A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa do século XVIII. In Walnice Nogueira Galvão & Nádia Battella Gotlib (orgs.) *Prezado Senhor, Prezada Senhora. Estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 41-54.

PS-CARDS-FLY <http://alfclul.clul.ul.pt/cards-fly/index.php>

PS-CARDS <http://ps.clul.ul.pt/index.php>

Sá, Isabel dos Guimarães (2011). Aprender: as práticas educacionais. In José Matto-  
so (dir.) *História da vida privada em Portugal*. Nuno Gonçalo Monteiro  
(coord.). *A Idade Moderna*. Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 80-83.

Tanskanen, Sanna Kaisa (2007). Intertextual networks in the correspondence of  
Lady Katherine Paston. In Terttu Nevalainen & Sanna-Kaisa Tanskanen  
(eds.). *Letter Writing*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 73-87.

**Anexo 1. Lista de cartas analisadas** (online em <http://ps.clul.ul.pt/index.php>):

CARDS3127, 1601; CARDS1056, 1603; CARDS4007, 1631; CARDS1001, 1643;  
CARDS4005, 1654; CARDS1005, 1659; CARDS1016, 1662; CARDS2006, 1671;  
CARDS2003, 1689; CARDS4017, 1691; CARDS2050, 1730; CARDS1023, 1739;  
CARDS2066, 1751; CARDS2043, 1754; CARDS3044, 1765; CARDS1031, 1765;  
CARDS1032, [1765]; CARDS0033, 1791; CARDS0034, 1791; CARDS2031, 1792;  
CARDS6301, 1806; CARDS0054, 1809; CARDS7101, 1817; CARDS7096, 1817;  
CARDS7103, 1817; CARDS7052, 1818; CARDS0173, 1820; CARDS0091, 1822;  
CARDS0119, 1831; CARDS0169, 1833